



O conceito de Novos Movimentos Religiosos (NMR) pode ajudar a pensar em Novos Movimentos de Gênero (NMG) como as identidades trans*?

Could the concept of New Religious Movements (NRM) help to think in New Gendered Movements (NGM) as the trans* identities?

Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão F^o

Resumo: Apresento aqui algumas observações iniciais sobre a possibilidade de o conceito de Novos Movimentos Religiosos (NMR) inspirar a pensar o conceito – provisório – de Novos Movimentos de Gênero (NMG). Esta hipótese surgiu a partir da identificação da existência de uma miríade de expressões e identidades transgêneras (ou trans*). Além de considerações sobre o conceito de NMR, para dar *corpo* a tais reflexões, este trabalho de caráter *inconclusivo* apresenta fragmentos de entrevistas realizadas com pessoas transgêneras durante o período de meu doutorado em História Social.

Palavras-chave: Novos Movimentos Religiosos. Novos Movimentos de Gênero. Transgêneridades, identidades trans*. Gênero e religião.

Abstract: Here I present, synthetically, some initial and *inconclusive* reflections on essayistic character, about the possibility of the concept of New Religious Movements (NMR) inspire the provisional concept of New Gender Movements (NGM). In addition, I present the hypothesis of this second concept be applied to gender studies to reflect, for example, on transgenerities and trans* identities: these would be, politically speaking, forms of NGM? To give effect to such reflections, this *inconclusive* work presents some fragments interviews conducted with transgender people during the period of my Ph.D in Social History.

Keywords: New Religious Movements. New Gender Movements. Transgenerities, trans* identities. Gender and religion.

* Presidente da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR). Pós-doutorando em Ciências Humanas pelo Programa Interdisciplinar da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em História do Tempo Presente pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), especialista em Marketing e Comunicação Social pela Fundação Cásper Líbero, graduado em História pela USP. Bolsista CAPES à época da pesquisa. Contato: edumeinberg@gmail.com.



Introdução

Durante minha tese de doutorado em História Social, procurei identificar o que pessoas trans*, ex-trans* e ex-ex-trans*¹ faziam com o que determinados discursos religiosos / generificados / sexuais (especialmente de igrejas inclusivas e de ministérios de “cura e libertação” de travestis) procuravam fazer delas. A partir de meu campo de observação, fui identificando também a existência / emergência de uma miríade de expressões e de identidades trans*, muitas vezes amalgamadas em movimentos políticos ativistas trans*, e também mais amplamente divulgadas pela mídia que em outros momentos de nossa história.

Estas correntes identitárias me pareciam trazer certa similaridade com o que se conceitua como Novos Movimentos Religiosos (NMR). Surgiu a indagação: Poderia tal conceito *iluminar e esclarecer* algo sobre meu campo de pesquisa? Seria possível adaptarmos este conceito aos estudos de gênero – ou ao menos aos estudos transgêneros? Propor um conceito como Novos Movimentos de Gênero (NMG) poderia ser, provisoriamente, um caminho heurístico e didático viável?

O texto é dividido da seguinte forma: Após esta introdução, indago se o conceito de NMR pode nos estimular a refletir sobre um possível conceito de NMG, conectando com a possibilidade das transgeneridades e identidades trans* serem consideradas NMG. Por “fim”, apresento breves considerações de caráter *inconclusivo*.

O conceito de NMR inspirando o conceito provisório de NMG

O conceito de Novos Movimentos Religiosos (NMR), utilizado por estudios@s do fenômeno religioso, pode estimular pensarmos em conceitos como Novos Movimentos de Gênero (NMG)? Este poderia ser utilizado nos estudos de gênero para refletirmos, por exemplo, acerca das transgeneridades e das identidades trans*?²

Antes de nos aprofundarmos em tal hipótese, observemos inicialmente a explicação de Silas Guerriero: “a definição de NMR é muito vaga e serve como um grande guarda-chuva que

¹ *Trans** é uma abreviação de transgênera, condição sociopolítica da pessoa que transgredir determinadas normas e convenções sociais referentes ao sexo-gênero outorgado no nascimento ou gestação. *Ex-trans** se refere à pessoa que, tendo feito alguma elaboração identitária em direção à transgeneridade, recua em direção à cisgeneridade. *Ex-ex-trans** alude a quem fez estes dois movimentos anteriores e posteriormente retorna à condição transgênera.

² Como já sinalizado, utilizo no texto o termo trans* (com asterisco), como feito internacionalmente por algumas pessoas, no sentido de diminutivo dos termos transgeneridade e pessoa transgênera. Conforme compreendo, todos esses termos dizem respeito a uma condição sociopolítica de transgressão de convenções, normas e expectativas de gênero, e não a segmentos identitários específicos.

acolhe a diversidade de fenômenos que se distanciam das grandes religiões mundiais”.³ O autor entende ainda que

podemos inserir todos os grupos espirituais que são claramente novos em relação às correntes religiosas tradicionais da cultura abrangente e possuem um grau de organização característico de um grupo religioso formal (...) Isso não quer dizer que não guardem qualquer tipo de relação com as religiões estabelecidas. Em outras palavras, não há necessariamente uma independência diante das visões religiosas dominantes. Podemos incluir, também, os movimentos espiritualistas que de alguma maneira rejeitam as religiões tradicionais.⁴

Seria possível, inspirando-nos no conceito de NMR explicado por Guerriero, pensarmos em algo como Novos Movimentos de Gênero (NMG)? Ou ainda, lembrando que gênero, sexualidade e orientações sexuais, ainda que sejam marcadores que se interseccionam, *não são sinônimos* um das outras, pensar em Novos Movimentos Sexuais. No mesmo sentido, em relação às orientações afetivas ou românticas, que também não são sinônimos de orientações sexuais, podemos conjecturar Novos Movimentos Românticos ou Afetivos.⁵

De todo modo, falando mais especificamente sobre NMG, é plausível que essa expressão, a exemplo de NMR, também possa ser usada como *umbrella term*, mas relacionada a um amplo e variado espectro de gêneros em *desconformidade* com o sistema sexo-gênero outorgado no nascimento ou gestação, ou seja, que se afastam de alguma forma do sistema tradicional (e convencionalmente melhor aceito) de gênero, relacionado à *binariedade* e à *cisnormatividade*?

Cabe ressaltar, antes de prosseguirmos, que cisnormatividade é o conjunto de normas que regem que a *cisgeneridade*. Ela é mais legítima que as *transgeneridades*. A cisgeneridade, por sua vez, pode ser entendida como a condição em que a pessoa se sente adequada ao sistema sexo-gênero designado no nascimento ou gestação, enquanto as *transgeneridades* seriam condições sociopolíticas de *transgressão* das expectativas sociais relativas ao sistema sexo-gênero de outorga no nascimento ou gestação. Leticia Lanz define semelhantemente as *transgeneridades*:

a primeira coisa a se dizer sobre o termo “transgênero” é que não se trata de “mais uma” identidade gênero-divergente, mas de uma circunstância sociopolítica de inadequação e/ou discordância e/ou desvio e/ou não-conformidade com o dispositivo binário de gênero, presente em todas as identidades gênero-divergentes (LANZ, 2014, p. 70).

As transgeneridades variam entre a binariedade *feminino* e *masculino* e múltiplas possibilidades de não-binariedade,⁶ em um espectro amplíssimo. Entre as transgeneridades

³ GUERRIERO, 2006, p. 39. Outr@s autor@s trataram sobre os NMR, como por exemplo José Luiz Borau (2008) e Elisa Rodrigues (2009).

⁴ GUERRIERO, 2006, p. 40.

⁵ Enfim, talvez o conceito de NMR seja passível de inspirar reflexões sobre qualquer marcador social de identidade e diferença. Contudo, não aprofundarei essa questão nesse texto.

⁶ *Não-binárias* é o termo neutro para *pessoas não-binárias*, ou que *não se encaixam/enquadram integralmente* em *nenhum dos gêneros binários*, feminino ou masculino. A maioria das pessoas não-binárias (*n-b*) se considera trans* (ou trans, ou transgênera) por não estar em conformidade com o sistema sexo-gênero outorgado no nascimento (ou na gestação) – ainda que não se sintam totalmente encaixadas



encontram-se diversas expressões de gênero trans* e identidades de gênero trans*. Entre as identidades transgêneras (ou trans*) mais conhecidas, destacam-se *travesti*, *mulher transexual* e *homem trans*.

Vale realçar que identidades e expressões de gênero não são a mesma coisa. Por *expressão / performance / interface de gênero* podemos entender provisoriamente

como a pessoa *se apresenta*, expressa socialmente seu gênero, de acordo com uma série de normas/convenções sociais. É composta por roupas, comportamentos, timbre de voz/modo de falar, etc. A *expressão / performance / interface de gênero* pode ser “classificada” genericamente em feminina, andrógina e masculina. As expressões de gênero *costumam* acompanhar as identidades de gênero, ou seja, a expressão de gênero pode ser a manifestação externa da identidade de gênero. Mas, nem sempre a expressão de gênero é congruente ou concordante com a identidade de gênero. Uma pessoa com identidade de gênero feminina pode apresentar uma expressão de gênero feminina, andrógina/não-binária ou masculina. Assim, não há necessária congruência entre identidade e expressão de gênero. (MARANHÃO Fº, 2014, p. 32-33).

Já *identidade de gênero* pode ser entendida, por exemplo,

como a pessoa se sente, se percebe, se entende em relação ao sistema sexo/gênero. Sua identidade de gênero pode ser feminina, masculina, algo entre estes dois lugares ou nenhuma, dentro de um espectro amplíssimo (incluindo os dois lugares ao mesmo tempo ou nenhum). A identidade de gênero se associa à transgeneridade (ou à identidade entregêneros) e à cisgeneridade. Na primeira, a pessoa não se sente confortável com o sistema sexo/gênero que lhe foi imputado na gestação ou nascimento: sua *real* identidade é aquela a qual se identifica, e não a assignada compulsoriamente. Na segunda situação, a pessoa se sente confortável e concorda com o sistema sexo/gênero que lhe é assignado na gestação ou nascimento. A *diferença* entre pessoas trans* e pessoas cis está no fato de que as primeiras costumam ser alvo sistemático de violências / discriminações / intolerâncias por conta de sua identidade de gênero (e que se associam a outros estigmas sociais que vão sendo associados a estas pessoas), o que não costuma ocorrer com as segundas. (MARANHÃO Fº, 2014, p. 33).

Consideremos aqui, ainda que erroneamente, a *assunção* política das transgeneridades e das expressões e identidades de gênero trans* como algo “novo”, ainda que *transgredir* convenções de gênero e assumir determinadas identidades transgressoras não tenha dada de novo, historicamente. O vocábulo *novas*, aqui, refere-se à maior emergência sociopolítica e à maior visibilidade midiática das transgeneridades e das expressões e identidades trans*.

Nesse sentido, é plausível que as expressões e identidades trans*, por serem consideradas “novas” em relação à cisgeneridade, possam ser hipoteticamente pensadas como Novos Movimentos de Gênero (NMG).

no sistema sexo-gênero “oposto”. (MARANHÃO Fº, 2014). Cabe realçar que a pessoa que escreve esse texto se identifica como *pessoa (transgênera / trans*) não-binária*.



O conceito de NMR inspirando o conceito de NMG e possíveis subconceitos: entre transgeneridades e identidades trans*

Sendo assim, transgressões de gênero e identidades trans* podem ser admitidas como Novos Movimentos de Gênero (NMG) em relação à tradicional cisgeneridade, socialmente mais bem-quista e legitimada. Na mesma esteira de pensamento, podemos pensar que, dentro dos NMG, tenhamos diversas possibilidades de identidades e de expressões de gênero e, nesse caso, seria possível aventarmos ainda termos como NEG (Novas Expressões de Gênero), NIG (Novas Identidades de Gênero) ou, no limite, NI (Novas Identidades).

Ainda que isso seja possível, devemos salientar a provisoriedade e a errância de tais termos, que merecem toda a nossa suspensão/suspeição, como o próprio vocábulo “novo”.⁷ Afinal, *novo* em relação a que? O que seria um “gênero novo”, uma “religião ou religiosidade novas” ou uma “identidade nova”? Seriam siglas como as assinaladas acima (de NMR até as demais), suficientes para dar conta dos fenômenos a que se prestariam explicar?

Muitíssimo provavelmente não. De todo modo, continuemos, cientes da provisoriedade e rasurabilidade desses termos, e com meros fins estratégicos, heurísticos e didáticos, aventando (im)possibilidades em relação a eles.

Também com fins de dirimir (con)fusões no restante do texto, assumamos aqui que NMG acolhem de forma *guarda-chuva* as siglas NIG e NEG. Prosseguindo, os NMG podem ser considerados “novos” em relação às identidades e expressões de gênero hegemônicas/cis-heteronormativas, assim como os NMR⁸ podem ser considerados “novos” em relação às religiões “propriamente ditas” ou já estabelecidas no cotidiano e imaginário popular, desde as religiões monoteístas “do livro”, como o cristianismo, o islamismo e o judaísmo e as de matriz afro-brasileira, as orientais, etc. – enfim, as religiões/religiosidades mais conhecidas e praticadas na sociedade brasileira contemporânea. Tanto entre os NMG como entre os NMR, quanto maior a *ruptura ou inovação* referente respectivamente aos gêneros/generidades e religiões/religiosidades dominantes/já estabelecidas, maior a “novidade” do movimento.

Guerriero contempla ainda que o “caráter de novo seria dado não tanto pelo tempo, mas mais pela diferença teológica com as grandes religiões”.⁹ Em sentido (ao menos aparentemente) similar, em relação aos NMG, a “teologia” da transgeneridade é mais “nova” em relação à da

⁷ Para Guerriero, comentando sobre os NMR, “o critério de para definição de novo seria (...) o de ruptura com os moldes tradicionais de vivenciar a religião em cada sociedade” (GUERRIERO, 2006, p. 97).

⁸ Certamente, seria possível refletir mais aprofundadamente em Novas Identidades de Gênero e em Novas Expressões de Gênero, que fariam parte de Novos Movimentos de Gênero. No mesmo sentido, seria plausível pensar, inserido no guarda-chuva dos Novos Movimentos Religiosos, em termos como Novas Identidades Religiosas (NIR) e Novas Expressões Religiosas (NER). Não objetivo, entretanto, fazer considerações a esse respeito aqui.

⁹ GUERRIERO, 2006, p. 21.



cisgeneridade, assim como a “doutrina” da não-binariedade é mais “nova” e “revolucionária” que a da binariedade trans*, em que a pessoa trans* se *desencaixa para se encaixar*, ou seja, costuma fazer um empreendimento de transição de um gênero binário (o assinalado no nascimento mas com o qual não se concorda, ao outro binário de gênero, com o que se sente adequada).

Guerriero pode nos estimular a continuar conjecturando. Para ele, entre os NMR destaca-se a *Nova Era*, que

não se trata de um único movimento, mas de um espírito de uma época. O rótulo Nova Era tem sido aplicado de maneira indiscriminada. Há, na verdade, uma infinidade de grupos e indivíduos que compartilham um número bastante grande de crenças e orientações com algumas semelhanças, mas também diferentes entre si. Já chamada de religião da pós-modernidade, a Nova Era é também difícil de ser classificada como religião. Envolve desde grandes grupos religiosos até práticas terapêuticas de aparência científica ou oráculos e adivinhações.¹⁰

Guerriero questiona: “Será ela apenas um movimento único e simples, ou compõe-se de inúmeras religiões diversificadas?”¹¹

Ao pensar as mais “novas” (com ou sem aspas?) experiências e autodeclarações de transgeneridades – como as relativas às *identidades não-binárias*, por exemplo –, poderíamos suspeitar que estamos entrando numa *Nova Era de Gênero* (NEG)¹² que apontaria para declarações de gêneros da pós-modernidade? É imaginável uma *Nova Era de Transgeneridade Não-Binária* (NENB), talvez chamada de *Nova Era Queer* (NEQ), se pensarmos que a não-binariedade pode trazer algumas relações com o movimento *queer*?¹³ Claro que, além de prováveis NEG/NENB/NEQ (e mais um amontoado de siglas (im)possíveis e certamente insuficientes para dar suporte às experiências subjetivas), há mais movimentos identitários do que conseguiríamos computar. Algo a se realçar é que provavelmente nenhum NMR ou NMG (assim como os gêneros e religiões “convencionais”) dá conta da multiplicidade de subjetividades humanas. É possível pensarmos que, se houver 5 bilhões de habitantes na Terra, há pelo menos 5 bilhões de possibilidades de identidades e expressões religiosas ou de gênero, lembrando que cada pessoa pode se perceber tendo mais de uma identidade e/ou expressão religiosa e/ou de gênero, simultaneamente ou não –

¹⁰ GUERRIERO, 2006, p. 125.

¹¹ GUERRIERO, 2006, p. 36.

¹² A mesma sigla, não custa lembrar, foi utilizada anteriormente para Novas Expressões de Gênero.

¹³ E pensando nesta ordenação de termos, haveria uma hierarquia “religiosa/generificada” operada por mim mesmo no texto? É importante ainda ressaltar que as *identidades não-binárias não são* sinônimos de “identidades *queer*”. Aliás, a teoria *queer* em si, de alguma forma, já procura problematizar e desestabilizar a própria ideia de “identidade”. Contudo, outra ressalva: há pessoas que se identificam / expressam / denominam (transgêneras ou trans*) *não-binárias* mas não entendem a não-binariedade como forma de identidade, e sim de questionamento das binariedades (e até algum ponto, do conceito de identidade). Nesse sentido, a não-binariedade pode *comungar* (ou se assemelhar, ou até ser sinônima do) com o *queer* – ao *queerificar* as identidades binárias.

além, é claro, das pessoas que não se sentem tendo tais identidades e/ou expressões, ou ainda reivindicam a quebra do próprio conceito de identidade (ou de expressão).

Possíveis analogias entre NMG e o fenômeno religioso

Prossigamos presumindo acerca dos NMG. É possível pensar que estes podem ofertar a (in)fiéis de gênero distintas travessias para sua (in)adequação / *salvação de gênero*, e, de certo modo, para tais pessoas, não seguir tais movimentos, permanecendo em gêneros tradicionais podem levar à espécie de *danação*. Por exemplo, para muitas pessoas trans* binárias permanecer no sistema sexo/gênero de atribuição, ou para muitas pessoas trans* não binárias se perceber (binariamente) como mulher ou homem durante todo o tempo,¹⁴ pode significar se sentir em *inferno* pessoal toda a vida.

Mas há fissuras nas próprias rupturas de gênero. Uma pessoa trans* pode, após *transitar* para um determinado gênero de identificação, não encontrar nesse uma *revelação suprema* e resolver *destransicionar*, retornar ao gênero anterior. Pode ainda (*re/des*)transicionar, ou seja, após fazer toda uma engenharia reversa de *readequação* ao sistema sexo-gênero (muitas vezes com interferências corporais), resolver *destransicionar* para o sexo-gênero anterior novamente.

Ou pode ainda *se converter / aderir* a uma nova corrente de gênero que traz uma nova *via salvífica*, como a não-binariedade, por exemplo. Se pensarmos na pessoa católica que pode transitar ao kardecismo e depois tornar-se agnóstica, por exemplo, talvez vejamos que os trânsitos de gênero podem hipoteticamente guardar semelhanças com os trânsitos religiosos – ou ainda, com qualquer trânsito identitário.

Gêneros binários constituídos socialmente, assim como as religiões em geral, fazem parte da tradição social – e tanto NMR como NMG podem trazer certa *disforia*¹⁵ social ao abalarem certas estruturas convencionais. Nem por isso é correto dizer que há gêneros ou religiões falsas ou verdadeiras, pois cada pessoa deve determinar por si mesma qual gênero ou religião seguir – ou não.

Optar por *novas religiosidades* ou *novos gêneros* pode indicar que a pessoa dará menor importância aos referentes tradicionais de religião e/ou de gênero e ao seu legado familiar/cultural como ancoramento subjetivo. É possível que se navegue mais livremente ao se optar por uma

¹⁴ É válido destacar que, entre as pessoas não-binárias, nem todas se sentem necessariamente *nem homem e nem mulher* a todo o tempo: há diversas porosidades e deslocamentos possíveis ao se comentar sobre pessoas n-b.

¹⁵ O termo “disforia social” é utilizado aqui de modo (bastante) irônico. *Disforia* refere-se, muitas vezes, ao sentimento de desconforto sentido pela pessoa transexual ou travesti em relação ao seu corpo ou às expectativas sociais referentes ao sistema sexo-gênero outorgado no nascimento. Trata-se de um termo das áreas psi que não é aceito por todas as pessoas que se autodeclaram transexuais ou travestis, tanto por ter um potencial (bem) patologizante / psiquiatrizante, como pelo fato de que nem toda pessoa transexual ou travesti refere necessariamente tal desconforto.



transreligiosidade ou uma transgeneridade mais fluida e *self*: “Quando percebi que podia ser livre e me assumir como trans*, e ter minha espiritualidade do jeito que escolhi, me senti completa”, disse uma entrevistada autodeclarada transexual.¹⁶ Nesse sentido, é possível pensar que a busca individual leva a certo sentido de *salvação*, quer seja religioso, quer seja de gênero. Ou de ambos, no caso. *Self religion* e *self gender* conectados e ativados.

Mas, reforço, nem sempre a experiência trans é necessariamente de *transgressão*. Muitas vezes *há um desenquadre para se enquadrar*. Explico: a pessoa é designada compulsoriamente em dado sistema sexo/gênero (feminino ou masculino) e faz sua travessia para o outro polo de identificação. Em grande parte dos casos, a pessoa se *desencaixa* do sexo/gênero que lhe foi imputado para realizar o encaixe no “lado oposto”. Assim, o que parece revolucionário pode apresentar, ao menos aparentemente, um aspecto paradoxalmente conservador relacionado à binariedade de gênero. Em termos religiosos, o mesmo pode ocorrer: a pessoa pode abandonar sua religião “de nascimento” para se enquadrar nos supostos da religião de escolha. Ora, e o que estas coisas têm de errado? Absolutamente nada – mas merecem ser problematizadas.

O termo *transreligiosidades*, referido há pouco, serve para pensar (apontando para a concepção de transgeneridades), em condições sociopolíticas de inadequação ou transgressão das normas esperadas a quem é designad@ ou outorgad@ de um determinado sistema religioso. Por exemplo, a pessoa é designada “católica de berço”, mas, não se sentindo confortável com tal designação religiosa, percebe-se de outro estatuto religioso. Dessa forma, transreligiosidade pode dizer respeito à situação de fluxo (ou trânsito) religioso, assim como o termo transgeneridade pode referir-se, ampliando a “definição” anterior, a um contexto não só de transgressão como de fluxo (ou trânsito) de gênero. Como percebe-se, um termo relacionado a uma categoria (gênero) é utilizado para se pensar outra (religião), apontando para possíveis similaridades entre tais construções sociais. Em paralelo, podemos pensar em uma *cisreligiosidade*, comparada à cisgeneridade. A *cisreligiosidade* pode ser pensada como a religiosidade outorgada no nascimento ou gestação, e a *transreligiosidade*, à religiosidade em desconformidade com aquela designada socialmente no nascimento ou gestação.¹⁷

Em relação às transgeneridades e possíveis alusões ao fenômeno religioso, há uma multiplicidade de possibilidades de fluxos e ciborguismos religiosos e generificados conectados, como na narrativa “sou alguém que é metade *demigirl* e a outra metade dividida em agêneres e

¹⁶ ENTREVISTAD@ A., *entrevista a Maranhão Fº*, 2012.

¹⁷ O termo *transreligiosidade* pode ser pensado simplesmente como sinônimo de trânsito religioso, também. Na tese já referida *transbordaram* exemplos de conexões entre trans (generidades / religiosidades) (MARANHÃO Fº, 2014).

bigênera. Na religião sou meio budista e na outra metade do tempo, meio católica e meio agnóstica”.¹⁸

Outro exemplo possivelmente *desestabilizador*, mas relacionado a um único marcador, gênero, é o de um rapaz autodeclarado *genderfucker* o qual não conheci mas me foi assim descrito:

Então, esta pessoa tem barba e seios. Ela se define um pouco travesti, pois usa seu pênis sem ter o tal repúdio a ele, se define um pouco homem, pois tem barba e pelos, se define um pouco mulher trans por causa da feminilidade, próteses nos seios, e é *genderqueer*. Bagunça tudo.¹⁹

Este seria um exemplo de uma composição vista como insólita por muitas outras pessoas. E percebamos: Se ainda hoje há quem se choque com o sujeito que (bri)cola sant@ padroeir@, anj@ da guarda e orixá de cabeça, é ainda mais chocante para muitas pessoas a existência de gente que mescla referentes de gênero diversos em sua aparência física. Mas indagemos: Por que a pessoa não pode misturar tanto referentes religiosos como referentes generificados à vontade em sua própria *persona*?

Outro exemplo está na seguinte narrativa:

Minha identidade de gênero é não-binária. Minha expressão de gênero não é. Ela é masculina. E tenho muita disforia com isto. Eu quero casar a minha expressão de gênero com a minha identidade de gênero. Conversei com alguns cirurgiões para fazer uma cirurgia experimental no Brasil. Não tenho disforia com meu pênis mas tenho o desejo de ter uma vagina. No Brasil ainda é impossível uma pessoa fazer uma CRS deste tipo. Mas quero ter os dois órgãos genitais. Há pessoas intersexo que têm. Acho perfeito. Queria ser assim. Me vejo com os dois sexos, inclusive na genitália.²⁰

Talvez tal narrativa *desestabilize* quem a leia. Mas consideremos: Se é possível realizar uma cirurgia de redesignação sexual (CRS) ou genital (CRG) para adaptar o genital da pessoa ao seu sexo/gênero de identificação, por que seria menos plausível ou “lícito” (em termos “morais”, não médicos ou científicos) que tal pessoa realizasse cirurgia para adaptação de sua genitália recebendo um novo genital e permanecendo com o de origem?

De novo, a analogia com a religião pode ser pensada: Alguém se chocaria com um sujeito com *dupla pertença religiosa*, por exemplo, católic@ e candomblecista, e que utilizasse adereços das duas religiões, por exemplo uma guia e um crucifixo? Ainda que essa comparação possa (ou não) ser assimétrica, o que se questiona é: Por que uma pessoa com dupla pertença religiosa não causaria estranheza como aquela pessoa com (o que podemos chamar de) *dupla pertença de sexo/gênero*, e que possua dois genitais? Aliás, isso aponta, como sugerido na própria narrativa,

¹⁸ ENTREVISTAD@ C., *entrevista a Maranhão Fº*, 2014. Esta pessoa entrevistada é autodesignada não-binária. Por conta disso, utilizei @ para me referir a ela.

¹⁹ ENTREVISTAD@ B., *entrevista a Maranhão Fº*, 2012.

²⁰ ENTREVISTAD@ D., *entrevista a Maranhão Fº*, 2014. A pessoa entrevistada se autodeclara não-binária.



para as próprias pessoas intersexos, muitas delas tendo naturalmente os dois genitais,²¹ e muitas vezes sofrendo de intolerâncias diversas. Por que o primeiro exemplo de justaposição/dupla pertença religiosa (ainda) choca(rá) mais que o segundo, de *justaposição/dupla pertença genital*?²² Seriam os genitais dotados de alguma “sacralidade”?

Como apontado acima, talvez a comparação seja assimétrica mesmo: Para começar pelo fato que a pessoa de dupla pertença religiosa, com guia e crucifixo, muitas vezes está com est@s expost@s, e a pessoa de dupla pertença sexual/genital, não sai passeando com seus genitais expostos – o que lembra que gênero não se encontra próximo à virilha, mas sim no cérebro.

Mas tais situações identitárias sinalizam para a pergunta: O que é “legítimo” em matéria de transgeneridades (ou mesmo de gênero)? É perceptível nos NMG a relação pendular entre fixidez e fluidez conectadas com movimentos distintos de (des)legitimação d@ outr@. Como explicou uma ativista do movimento transexual feminino:

A travesti é aquela que tem tesão com seu pênis. A mulher transexual é aquela que tem ojeriza pelo pênis e que não vê a hora de amputá-lo. O homem trans que não quer retirar os seios não é um homem trans.²³

Podemos considerar tal perspectiva como *fundamentalista* (e até intolerante) em relação às possibilidades de transgeneridades, visto procurar *determinar papéis fixos* a pessoas trans*, ao mesmo tempo em que *deslegitima* e hierarquiza/oprime tendo como *fundamento* as condições corporais *alheias*. Nessa concepção, deve-se *converter* o gênero de modo definido e definitivo, como aliás *rezam* e *pregam* manuais diagnósticos como o DSM.²⁴ Retornando a Guerriero, que comenta sobre os NMR, este lembra que

os campos dos saberes tendem a não possuir mais fronteiras rígidas. Tanto há religiosos que se apoiam nas palavras da ciência como cientistas que buscam nos grandes mitos da humanidade uma coerência em seus discursos e a eliminação da frieza e da falta de sentido muitas vezes presentes em seus trabalhos.²⁵

Mas, ainda que o autor esteja (ao menos parcial e/ou contextualmente) certo, a ciência é vista como validadora por muitos outros segmentos, ainda – inclusive por parte das pessoas trans* (inclusive e talvez especialmente por algumas/ns ativistas). Para muit@s, mesmo algumas pessoas que *pregam* a *despatologização* das identidades trans*, o que é descrito nas *bíblias diagnósticas* (como o DSM) acerca das fronteiras entre o que é *ser ou não ser* travesti ou transexual é *dogma* a

²¹ Ainda que nem sempre ambos os genitais sejam funcionais, ou que um genital seja menos aparente ou desenvolvido que o outro.

²² Chamo aqui de justaposição pois em ambos os casos não me parece haver uma síntese, mas a associação de elementos distintos (ainda que não necessariamente ambíguos ou conflitantes). Devemos considerar algo ainda em relação a tal dupla pertença: no caso da pessoa católica + candomblecista, os rituais e elementos cúlticos podem se combinar simultaneamente ou não. Ela pode realizar um sincretismo em seu altar pessoal (ou outro local de culto).

²³ ENTREVISTAD@ B., *entrevista a Maranhão Fº*, 2012.

²⁴ Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais). A última versão é o DSM-5.

²⁵ GUERRIERO, 2006, p. 62.

ser defendido, e posições contrárias, vistas como *heréticas*, estão aí para serem combatidas. É certo que pode haver um contexto de preservação da garantia de direitos como terapia hormonal (TH) e cirurgia de redesignação sexual (CRS). Para além disso, porém, há quem advogue que as fronteiras “estabelecidas”, “classificadas” e “definidas” devam ser *reforçadas* e, neste caso, as fronteiras definidas pelas áreas psi são *religiosamente* defendidas. Há um *mercado dos bens simbólicos generificados* a ser estimulado dentro do campo de gênero: “Para ser travesti, adquira seios / para ser transexual, faça a redesignação”. Mas nem todas as pessoas que se marcam/declaram travestis desejam colocar próteses nos seios, e nem toda pessoa que se entende (e se ela se entende, então *ela é*) transexual pretende fazer a CRS, ou qualquer alteração corporal.

De certo modo, grupos que pregam a exclusividade do pertencimento nos moldes “ser transexual é”, “ser travesti é”, “ser transgênera/o/e é”,²⁶ agem de modo *sectário* – separando as categorias e separando (“cortando” do seu meio) o *joio* (os grupos discordantes ou dissidentes) do *trigo* (os próprios grupos). Aquel@s que criam seus próprios mecanismos de marcação/declaração/pertencimento de gênero transitando por diferentes *confissões* é o ser a ser *satanizado*.

No caso dos NMG, as posições fixadas não parecem exceções: boa parte das pessoas trans* entendem que *conversão é só uma vez* e deve ser *completa*, com todas as etapas presumíveis: só assim a pessoa está *salva*. Tal *religiosidade de gênero* não é difusa e flutuante como em (bri)colagens em que se ciborguizam meditação zen budista e leitura da Bíblia, por exemplo. Ou em atos n-b/*genderfucker*,²⁷ que mesclam elementos distintos de feminilidade e masculinidade como usar saia e *blazer*, por exemplo. No caso *genderfucker*, provavelmente o que ocorre é uma recusa ao controle institucional de gênero binário (trans* ou cis) e suas ideias *ortodoxas* de *verdade* única – ainda que uma certa ideia de transformação pessoal e de *revelação* / *redenção* / *salvação* talvez estejam presentes também.

Talvez, conectando as pessoas trans* binárias e n-b, *a verdade seja única* (como num dogma, “não concordarás com seu sexo/gênero de nascimento”), ainda que essa possa ser

²⁶ Nesse caso de linguagem inclusiva utilizada (a/o/e), além de referentes binários feminino (a) e masculino (o), agrega-se o referente não-binário (e) – dando vistas à deslegitimação sofrida por pessoas transfemininas, transmasculinas e trans não-binárias.

²⁷ N-b é o diminutivo nativo para não-binárias. Já *genderfucker* pode, possivelmente, ser considerado uma “*identidade e/ou expressão de gênero não-binária*. Pessoa praticante do *genderfuck*, atitude ativista/política intencional de transgredir / subverter / adulterar escancaradamente o binarismo de gêneros, às vezes como paródia e deboche. Estimula, por exemplo, a desconstrução dos polos generificados através do uso comungado de peças do vestuário feminino e masculino, como uma saia e um blazer, por exemplo. O *genderfuck* muitas vezes é usado em contextos de manifestações populares relacionadas à sexualidade e/ou a gênero (Parada LGBT, Marcha das Vadias, etc.). Em alguns casos, @ *genderfucker* pode estimular a descontinuidade binária de gênero através de características sexuais secundárias ou estéticas (pensem no caso da pessoa Conchita Wurst, descrita na tese. Seria tal pessoa *genderfucker*? Transformista? Ou simplesmente alguém que não se define de nenhuma forma?)” (MARANHÃO Fº, 2014, p. 726).

alcançada por vias distintas. Fluidez e fixidez também podem não apenas estar em uma situação de *entre-lugares*, mas *comungar*. Há pessoas travestis e transexuais que se dizem n-b, por exemplo. Como as amarras institucionais de gênero em alguns momentos se afrouxam, é possível se declarar *praticante de uma confissão generificada mais tradicional* (como a travestilidade ou transexualidade parecem ser em relação à transgeneridade n-b), e se dizer *adept@ de uma generidade que prega a flexibilidade*: “Sou transexual, operada, redesignada, mas ao mesmo tempo não sou homem nem mulher, sou fluida de gênero”, como disse uma pessoa não-binária.²⁸ Promove-se assim um amálgama de crenças de gênero particulares.

Talvez existam suas tendências entre os NMG, semelhantemente ao que Guerriero comenta acerca dos NMR – com uns pendendo ao *fundamentalismo* e outros ao *relativismo*:

Esses movimentos tendem ao fundamentalismo, na medida em que baseiam suas doutrinas e suas práticas em uma verdade fundamental que foi revelada e que é garantida pelo grupo por meio de seus líderes. De outro, um profundo relativismo, no qual todas as combinações parecem possíveis. Aparece, aqui, uma plêiade de vivências distintas, algumas mais próximas de grupos religiosos, outras dificilmente percebidas como uma religião.²⁹

É possível pensarmos em alguns grupos binários (cis e trans*) como *fundamentalistas de gênero*, à medida que têm procurado definir as identidades alheias (e em alguns casos *intolerar* as que não se encaixam em suas expectativas); e em outros grupos que tentam *relativizar* posições de gênero, talvez mais associados à não-binariedade e à teoria *queer*. Contudo, o profundo relativismo não pode ser ou se tornar fundamentalista? Quando se *prega*, por exemplo, que todo mundo seja *queer* ou seja *n-b*, não pode cair-se num *fundamentalismo e intolerância*, ainda que aparentemente às avessas? Ou, como Guerriero sinalizou,

de um lado, há aqueles que se apegam a uma verdade fundamental, não aceitando qualquer outra possibilidade de verdade que não seja a do seu próprio grupo. De outro, há um conjunto de grupos distintos e de vivências isoladas que pregam um relativismo que, em seus extremos, beira as raias de um paradoxal relativismo absoluto.³⁰

Há NMG que *pregam* a fixidez identitária, enquanto outros NMG proclamam a fluidez. Se para os segundos a *Bíblia* a ser colocada num altar talvez seja *Problemas de Gênero* de Butler, ou outra obra de teóric@s *queer*, para os primeiros, o gênero deve ser *convertido* apenas uma vez. Há *fiéis* da transgeneridade não-binária que *pregam* que todo o mundo seja n-b. E há *adept@s* da binariedade transgênera que *pastoreiam seus rebanhos ao paraíso binário*, os “protegendo” de

²⁸ ENTREVISTAD@ E., *entrevista a Maranhão Fº*, 2014.

²⁹ GUERRIERO, 2006, p. 92.

³⁰ GUERRIERO, 2006, p. 93. Entre fundamentalismo e relativismo, “não devemos confundir um relativismo que reconhece as diferenças e serve para diminuir as intolerâncias ou etnocentrismos, que prega que devemos compreender o outro a partir não dos nossos valores mas da perspectiva desse outro, com um relativismo de ausência de normas e valores, em que tudo seria permitido” (GUERRIERO, 2006, p. 21). Ainda que cada pessoa possa estabelecer uma lista de normas e valores, a minha se fundamenta no respeito à automarcação e autodeclaração identitária e na equidade de direitos entre as pessoas independentemente de suas marcações/declarações identitárias – tal lista procurou orientar minha tese.

purgatórios não-binários e das *trevas* do sistema sexo/gênero imputado no nascimento. Enfim, talvez essas concepções apontem para (bem metafóricamente falando) distintas *teologias de gênero*.

É plausível pensarmos ainda que *guerras santas de gênero* são fomentadas por conta de as *igrejas generificadas* entenderem que *seitas* ou *redes místicas* de gênero, ou distintos NMG, podem bagunçar as estruturas de suas edificações. Mas entre os próprios NMG existem mecanismos particulares de opressão em relação a quem é entendido como *herege* de gênero.³¹

Considerações inconclusivas

Não pretendi, neste ensaio, “classificar”, “definir” ou “hierarquizar” conceitos e definições. O objetivo é o de suscitar reflexões e oferecer provocações em alguns sentidos: É possível pensarmos gênero a partir de referentes teóricos dos estudos de religiões / religiosidades? Há possíveis relações entre identidade religiosa e identidade de gênero? NMR pode inspirar conceitos como NMG? Seria mesmo possível utilizarmos um conceito como NMG para pensar em transgeneridades e identidades trans*? Mais que apontar respostas, deixo aqui inquietações e devires.

De todo modo, é possível que, problematizando marcadores identitários como gênero e religião, possamos questionar a nós mesm@s e caminharmos junt@s em direção a um mundo que, mais que tolerante, seja respeitoso a todos os tipos de diversidade das pessoas, lembrando que, mais importante ainda que as pessoas terem suas formas de se identificar/expressar asseguradas, é que todo mundo tenha seus direitos como cidad@os garantidos.

Referências

BORAU, José Luiz Vazquez. *Os novos movimentos religiosos* (Nova Era, Ocultismo e Satanismo). Lisboa: Paulus, 2008.

GUERRIERO, Silas. *Novos Movimentos Religiosos: O quadro brasileiro*. Temas do Ensino Religioso. São Paulo: Paulinas, 2006.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.

LANZ, Leticia. *O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) –Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque. *(Re/des)conectando gênero e religião: Peregrinações e conversões trans* e ex-trans* em narrativas orais e do Facebook*. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, São

³¹ Conceitos como os de Danièle Hervieu-Léger de *praticante*, *peregrin@* e *convertid@ religiosos@s*, bem como de *igreja*, *seita* e *rede mística*, podem nos ajudar compreender melhor essas possíveis conexões, ressignificações e apropriações de sentidos em relação às (cis/trans*)generidades. Comentei sobre isso na tese (2014) e pretendo aprofundar em outro texto posteriormente.



Paulo, 2014.

RODRIGUES, Elisa. A Emergência dos Novos Movimentos Religiosos e suas Repercussões no Campo Religioso Brasileiro. In: *Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*, v. 12, n. 1 e 2, Juiz de Fora, p. 45-58, 2009.

Entrevistas

ENTREVISTAD@ A. *Entrevista*. São Paulo, 2012. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ENTREVISTAD@ B. *Entrevista*. São Paulo, 2012. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ENTREVISTAD@ C. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ENTREVISTAD@ D. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

ENTREVISTAD@ E. *Entrevista*. São Paulo, 2014. Entrevista concedida a Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho.

[Recebido em: fevereiro de 2016 /
Aceito em: junho de 2016]